

## REALISMO CRÍTICO E ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: REFLEXÕES PARA O (A) EDUCADOR (A) DE LÍNGUAS EM PROCESSO EMANCIPATÓRIO E DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL<sup>1</sup>

*(Critical Realism and Critical Discourse Analysis:  
reflections to the educator of languages in the process  
of emancipation and social transformation)*

Solange Maria de Barros Ibarra Papa\*  
(Universidade Federal de Mato Grosso- UNEMAT/UFMT)

### ABSTRACT

*This study aims at present some interdisciplinary reflections to the emancipatory social science, focusing basically to the language teacher. The main concern is to understand the causal relation between the agents engaged in the study. Who are the 'causal agents'? What 'causal powers' do they have? These causal influxes provide a better comprehension about the micro and macrosocial contexts. In the data analysis I used recordings of informal interviews based on CDA, with support of SFL.*

**Key-words:** 'causal agents'; 'causal powers'; emancipation; social transformation

### RESUMO

*Neste estudo apresento algumas reflexões interdisciplinares para as ciências sociais emancipatórias, focalizando basicamente o professor de*

---

1. Uma versão deste trabalho foi apresentada no "III Colóquio Internacional RED-LAD – RED Latinomaericana de Estudios del Discurso de La Pobreza, realizado em Santiago-Chile, nos dias 13 e 14 de novembro de 2008.

\* Professora Assistente III do Departamento de Letras da Unemat (Campus Universitário de Cáceres). Professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – MeEl (UFMT).

*línguas. O principal objetivo é compreender a relação causal entre os agentes envolvidos. Quem são os agentes causais? Que poderes os mesmos possuem? Esses influxos causais podem fornecer uma melhor compreensão sobre os contextos micro e macrosociais. Para a análise de dados foram utilizadas gravações de entrevistas baseadas na Análise Crítica do Discurso, com apoio da Gramática-Sistêmico Funcional.*

**Palavras-chaves:** ‘agentes causais; ‘poderes causais’; emancipação; transformação social.

## 1. Introdução

Nas últimas décadas, a ciência social crítica contemporânea tem demonstrado especial interesse à compreensão dos fenômenos sociais concernentes às questões ontológicas e epistemológicas, com seus mecanismos, poderes e causas. O movimento filosófico britânico conhecido como Realismo Crítico surge para acirrar ainda mais o debate na filosofia das ciências sociais. Conforme Baert (1995:277), esse novo pensamento tem se consolidado nas diversas disciplinas acadêmicas e encontrando uma falange de seguidores. Em seu artigo intitulado *O Realismo Crítico e as Ciências Sociais*, Baert questiona: por que o Realismo Crítico é tão sedutor e por que tem atraído tantos adeptos fervorosos? Responderei a esta pergunta ao final deste trabalho.

O Realismo Crítico enquanto filosofia de cunho emancipatório tem servido de base para a reflexão teórica e metodológica de um grande número de cientistas sociais, interessados em compreender a inter-relação dialética entre sociedade e indivíduos. Para o Realismo Crítico, a sociedade não consistiria apenas de indivíduos, mas da soma das relações dentro das quais os indivíduos se situam (Bhaskar, 1998).

Ancorado na filosofia do Realismo Crítico (Bhaskar, 1998; 2002), Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1989, 2003), este trabalho traz algumas reflexões interdisciplinares que podem contribuir para a ciência social emancipatória, mais especificamente,

para o educador de línguas. Busco compreender a relação causal existente entre os *agentes* e seus *poderes causais*. Quem são esses ‘*agentes causais*’? Que ‘*poderes causais*’ os mesmos possuem? As respostas a essas perguntas permitirão compreender melhor os contextos micro e macrosociais.

## 2. Por que Realismo Crítico?

O termo Realismo Crítico pode ser encontrado desde 1887, na obra do filósofo alemão Riehl. É um tipo de realismo que se associa com a filosofia transcendental ou crítica de Kant. Na visão de Collier (1994:43), o termo transcendental apresentado por Kant diz respeito a “todo conhecimento que não se ocupa tanto dos objetos quanto da forma como conhecemos os objetos, na medida em que este tipo de conhecimento é possível *a priori*”. Nesse sentido, a compreensão de uma filosofia transcendental é, portanto, algo que vem *a priori*, independente da experiência. Numa versão mais contemporânea, representada, sobretudo, pela obra de Bhaskar, esse mesmo termo acabou enfatizando a relação entre um tipo de realismo e alguns aspectos da obra de Kant. Surge daí a combinação de ‘*realismo transcendental*’ e ‘*naturalismo crítico*’. O próprio Bhaskar assim o definiu:

“eu chamei minha filosofia geral da ciência de ‘realismo transcendental’ e minha filosofia das ciências humanas de ‘naturalismo crítico’. Gradualmente, as pessoas começaram a misturar os dois e referir-se ao híbrido como ‘realismo crítico’. Ocorreu-me que havia boas razões para não objetar ao hibridismo. Para começar, Kant havia chamado seu idealismo transcendental de ‘filosofia crítica’. O Realismo transcendental tinha o mesmo direito ao título de realismo crítico” (Bhaskar, 1989: 190).

O Realismo Crítico refere-se a idéia de que existe uma realidade exterior, independente das concepções que se tenha dela. Bhaskar (1998:41) distingue não apenas o mundo e a nossa

experiência, mas a sua estratificação ontológica – a questão do ser, representado pelos três domínios da realidade: o *Real*, o *Realizável* e o *Empírico*. O domínio do *Real* pode ser entendido como tudo que existe na natureza, sejam objetos naturais (estruturas atômicas e estruturas químicas), sejam sociais (as idéias, as relações sociais e os modos de produção). O domínio do *Realizável* consiste em eventos ou atividades que são realizadas e que, portanto, geram efeitos de poder, podendo ser observáveis ou não. O domínio do *Empírico* é entendido como o domínio da experiência. Se tomarmos o exemplo de qualquer trabalhador, seja ele professor, médico, etc., sua capacidade física e mental se concentra no domínio do *Real*, enquanto seu trabalho como atividade que gera efeito de poder, se concentra no domínio do *Realizável*

Em sua visão emancipatória e de transformação social, Bhaskar (1998:462) oferece uma promessa para a ciência social, pois os mecanismos geradores dos problemas podem ser removidos. Para o autor, a emancipação não pode ser alcançada apenas pela mudança da consciência; ao contrário, ela deve ocorrer na prática. Ele diz:

“Meu ponto de vista é que aquele tipo especial e qualitativo de libertação que é a emancipação, e que consiste na transformação, na auto-emancipação dos agentes envolvidos, partindo de uma fonte de determinação indesejada e desnecessária para uma desejada e necessária, é, ao mesmo tempo, pressagiado causalmente e acarretado logicamente por uma teoria explanatória, mas só pode ser efetivada na prática” (grifo meu)

Se a emancipação significa libertação, a auto-emancipação pressupõe, então, a transformação do próprio indivíduo, do ‘eu’ individualista, unificado, centrado na própria pessoa, para um eu exterior, voltado para a solidariedade e fraternidade. A auto-emancipação da qual fala Bhaskar, deve, necessariamente, passar pela transformação dos próprios agentes ou participantes. Se olharmos a realidade social, não vemos nada mais do que (re) ações, com seus e efeitos e causas.

### 3. Realismo Crítico: ‘causalidade’, ‘poderes causais’ e ‘agentes causais’

Para compreender os conceitos de ‘causalidade’, ‘agentes causais’ e ‘poderes causais’, termos esses usados com certa frequência pelo Realismo Crítico, precisamos, primeiramente, esclarecer o que entendemos por ‘causalidade’.

A ‘causa’, segundo definição baseada na análise aristotélica é um “princípio que influi no ser de alguma coisa ou de que depende o ser da coisa ou do acontecimento de um fenômeno” (Selvaggi, 1988:303). A causa como princípio que influi de fora sobre o ser do efeito, mediante a ação é a *causalidade* em ato. Quando o mestre ensina, por exemplo, a seu discípulo, entendemos que a causa é o seu ensino.

O filósofo Kant foi quem melhor explicou o conceito de causa, aceitando a crítica humiana ao admitir a impossibilidade de derivá-lo apenas da experiência como defendiam os racionalistas. A causalidade para Kant não poderia ser reduzida apenas a repetidas experiências. Ao contrário, deve ser entendida como uma categoria *a priori* da experiência.

A *causalidade* como categoria da inteligência tem valor de conhecimento só para o fenômeno, serve para descrever e unificar a experiência, mas não faz conhecer a coisa em si. É, portanto, a realidade do influxo causal que se funda toda ação humana, quer na vida cotidiana, quer na produção artística, quer na educação etc. Portanto, a causa de um determinado fenômeno existe *a priori* do conhecimento que se tem dele.

O Realismo Crítico entende que a vida social não um *sistema fechado* – ao contrário, é um *sistema aberto*, no qual qualquer evento é governado por mecanismos ou poderes emergentes que operam simultaneamente. Num *sistema aberto*, por exemplo, não é possível identificar determinadas seqüências de eventos (caso contrário a atividade experimental não faria sentido). O ponto crucial do argumento de Bhaskar é que os *mecanismos causais* que operam nos experimentos (ciência naturais) continuam operando no mundo

real (enquanto sistema aberto), considerando a independência dos *mecanismos causais* nos eventos que eles geram. Por exemplo, numa atividade experimental qualquer, o cientista é o agente causal de uma seqüência de eventos. Uma seqüência de eventos permite identificar uma possível relação causal entre dois ou mais eventos; porém, não é o agente da *lei causal* (Bhaskar, 1997:12).

Resumindo, o Realismo Crítico defende a idéia de que é preciso compreender as camadas mais profundas da realidade, nas quais se “escondem” os determinantes causais, incluindo os *agentes causais* e seus *poderes*. Conforme Bhaskar (1989), buscar a conhecer as causas dos fenômenos é transcender os fatos e as aparências dos eventos, é desvelar a realidade e as estruturas, mecanismos e tendências geradoras dos eventos.

#### **4. Realismo Crítico (RC) e Análise de Discurso Crítica (ADC): algumas reflexões**

Para os analistas críticos de discurso (cf. Chouliaraki & Fairclough, 1999:19), o termo Realismo Crítico surge pela primeira vez em seus estudos para melhor explicar a organização da vida social como um sistema aberto. Esses autores, em consonância com Bhaskar (1979, 1998), entendem que as várias dimensões de vida social, incluindo físico, químico, biológico, econômico, social, psicológico e lingüístico possuem estruturas distintas, com efeitos gerativos nos eventos, através de mecanismos particulares. Chouliaraki & Fairclough (1999), ao se inspirarem em Bhaskar, organizam um modelo analítico que possibilitasse e identificar problemas sociais, materializados em textos orais ou escritos. Essa abertura de possibilidades transdisciplinares, proposta pelos autores, faz com que a ADC ganhe cada vez mais espaço na ciência social crítica, possibilitando aos analistas de discurso uma compreensão cada vez mais ampliada da vida social, principalmente em relação aos elementos micro e macrosociais.

Chouliaraki & Fairclough (1999), em conformidade com Bhaskar (1979; 1999), entendem que as pesquisas em ADC devem

estar voltadas para problemas práticos da vida social, vislumbrando, assim, uma '*crítica explanatória*' (Bhaskar, 1986), construída com base nas descobertas dos problemas sociais, oriundos das práticas sociais, e a partir delas buscar soluções para a sua superação. E para alcançar o potencial explanatório, conforme Bhaskar (1998b: 238), o ponto de partida é a análise de como os significados são construídos na prática social. Para isso, Fairclough (1989; 1995; 2003) propõe uma abordagem de análise de discurso que pode contribuir para o crescimento da pesquisa social crítica, uma vez que a ADC dá ênfase na relação dialética entre discurso e outros elementos das práticas sociais (outras formas de *semioses*: linguagem corporal, imagens visuais, etc).

Uma abordagem intimamente ligada a ADC é a Gramática Sistemico-Funcional (GSF). A GSF proposta por Halliday (1994) permite que olhemos a linguagem sob a perspectiva sócio-semiótica, na qual os significados são entendidos a partir de escolhas linguísticas, estruturalmente organizadas. A GSF se apresenta como um sistema de significados a que se associam três metafunções: **interpessoal**, **ideacional** e **textual** (Halliday, 1994). Essas três metafunções ocorrem simultaneamente nas orações, nos textos. É por meio delas que se pode identificar como o discurso está organizado. Os usuários da língua não apenas interagem para trocar sons, palavras ou sentenças, como também para construir significados, a fim de compreenderem o mundo ao seu redor. As três metafunções fornecem explicações do uso da língua a partir das necessidades, dos propósitos do falante em determinado contexto de situação.

Ao considerar a GSF, Fairclough (1992; 1995; 2003) propõe realizar uma análise mais detalhada dos textos, buscando compreender a relação entre os níveis micro e macrosociais, ou seja, entre estrutura social e eventos sociais. Nesse sentido, a GSF e ADC permitem ao pesquisador obter uma visão holística do fenômeno social investigado.

Embora as contribuições dos autores citados acima sejam relevantes para a ADC, há ainda muitos caminhos a percorrer. Nada está pronto e acabado. Reflexões frutíferas ainda estão por vir e certamente serão bem vindas. Do ponto de vista da análise de significados construídos nos

textos, alguns caminhos transdisciplinares surgem como uma tentativa de melhor compreender os níveis mico e macrosociais.

Entendo que relatos de histórias de vida, por exemplo, pode ser uma rica ferramenta para ampliar a visão do pesquisador na análise de textos orais e escritos. (cf. Papa, 2005; 2007; 2008) Os relatos de histórias de vida, considerados aqui, como uma ferramenta para gerar dados, podem contribuir com a ADC, uma vez que fornece pistas ao analista sobre outros significados que podem não estar presentes nos textos.

Os relatos de histórias de vida são descrições de eventos onde são apreendidos os significados das ações dos participantes, suas crenças, valores e experiências vividas e como elas se desenvolvem. Conforme Clandinin e Connelly (2004:415), as experiências são as histórias de vida das pessoas e consiste não apenas de fatos, mas também de valores, emoções e memórias. Nessa mesma perspectiva, Goodson e Sike (2001) argumentam que “todas as histórias são memórias e todas as memórias são histórias”. Ou seja, quando falamos sobre nós mesmos, estamos nos referindo a nossa identidade, sentimentos, imagens, e os relatos revelam o modo como experienciamos o mundo. Contudo, nem sempre o pesquisador consegue captar toda a história de vida do sujeito, participante da pesquisa. Quase sempre há um ocultamento de experiências tristes que foram por eles vivenciados. Nesse caso, os elementos discursivos que poderiam ser cruciais para a análise deixam de ser revelados e o analista acaba não conseguindo capturar outros discursos que podem estar ‘ocultos’ nos textos.

## 5. A Pesquisa

A pesquisa<sup>2</sup> está sendo desenvolvida na Escola Estadual ‘Meninos do Futuro’, localizada no Centro Sócio-Educativo do Complexo Pomeri, na cidade de Cuiabá/MT. Neste trabalho, apresento parte da pesquisa que está sendo realizada na escola. Procuo interpretar as

---

2. O projeto tem como título: ‘Formação Contínua do Professor de Línguas: (Re) Construção da Prática Pedagógica.

ações dos agentes causais e seus poderes através das questões: Quem são os ‘agentes causais’? Que ‘poderes causais’ os mesmos possuem? A tentativa de desvelar esses influxos causais permitirá compreender melhor os contextos micro e macrosociais dos fenômenos investigados.

A professora envolvida na pesquisa trabalha na escola há mais de quatro anos. Convivendo com ela, pude constatar através de seus relatos de histórias de vida, outros significados que não estavam presentes na entrevista. Os relatos de suas experiências de vida foram feitos sem o uso do gravador. A confiança mútua entre esta pesquisadora e a professora contribuiu para que esse tipo de ferramenta fosse utilizada.

Keila<sup>3</sup> trabalha na escola desde 2003. É professora de espanhol. Diz nunca ter trabalhado com adolescentes e jovens em situação de risco. É a sua primeira experiência com essa clientela estudantil. Ao relatar suas experiências pessoais através de conversas informais, sem o uso de gravador<sup>4</sup>, ela menciona sobre a sua família. Diz não ter conhecido sua mãe biológica. Fora criada pelo pai biológico e sua madrasta desde tenra idade. Por não ter tido uma filha mulher, sua madrasta adotou-a como legítima, dando-lhe todo o amor e carinho. Keila relata também que vivenciou ainda criança, o drama da sua madrasta com um filho legítimo envolvido com drogas. Afirma ter sofrido, juntamente com a mãe adotiva, ao ver o seu irmão escolher o caminho das drogas.

Para esta análise dos dados, perfila-se, aqui, o uso de entrevistas informais, as quais foram gravadas e transcritas no ano de 2006. Procuo ater-me na compreensão dos significados construídos por ela, através da identificação dos *agentes causais* e *poderes causais* sinalizados em seu discurso.

No exemplo apresentado a seguir, Keila comenta sobre o Seminário de Literatura realizado pela primeira vez na escola, no ano de 2006. Ela diz:

---

3. Para proteção de identidade, os nomes dos participantes envolvidos na pesquisa são fictícios.

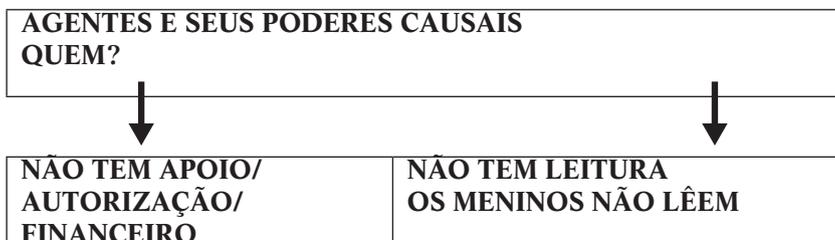
4. Keila não autorizou que fossem gravadas suas histórias de vida. As conversas informais e reservadas sobre suas experiências pessoais foram registradas etnograficamente como anotações de campo.

## Exemplo 01:

Keila: esse seminário de literatura desde de 2004 **era** pra acontecer...só que aqui ...pra nos desenvolvermos **qualquer tipo de evento ...nós temos que ter apoio...da segurança...qto do financeiro mesmo...por que? Pq se nós quisermos a nós não temos como..temos o livro para didático...temos como oferecer...mas pra está expondo esse trabalho...sempre há dificuldade...de que forma? ...nós temos que ter autorização** ..pros meninos levarem os livros igual nós tivemos...pra levar os livros pra ala...pros quartos.... pra levar o lápis ....a borracha...existe assim toda assim uma formalidade... uma responsabilidade da escola....

Vê-se, nesse exemplo, a dificuldade em realizar qualquer tipo de atividade na escola. O processo relacional ‘*era*’ sinaliza um período de tempo no passado (2004), em que já se tinha uma proposta embrionária para que o seminário de literatura pudesse ser desenvolvido com os alunos. Ao dizer “*qualquer tipo de evento nós temos que ter apoio da segurança*”, Keila usa alto grau de modulação, revelando a proibição da escola para esse tipo de evento. Da mesma forma no enunciado “*nós temos que ter autorização*”, onde ela usa outra modulação alta para registrar a impossibilidade da escola em fomentar qualquer tipo de atividade para os alunos.

Do ponto de vista da análise macrossocial, é possível apreender outros significados que não estão presentes no discurso de Keila. Para o realismo crítico, há a necessidade de compreender as camadas mais profundas da realidade. É exatamente nas camadas mais profundas que escondem os determinantes causais, incluindo os *agentes causais* e seus *poderes*. O discurso de Keila permite que desvelemos a realidade, que nos transcendamos aos fatos e as aparências. Assim, se analisarmos mais criticamente o discurso de Keila, é possível perceber os *agentes causais* e seus *poderes*. Quem são esses agentes causais? Que poderes os mesmos possuem? Vejamos a explanação abaixo:



Conforme Keila, os alunos não levam os livros para a ala/quarto porque não lhes é permitido. Nesse caso, não há leitura. É preciso ter autorização, apoio, inclusive do financeiro para que seja autorizado qualquer evento dessa natureza na escola. Os alunos são privados de liberdade para levar o livro, o lápis e a borracha aos seus aposentos. Há que se perguntar então: quem é o *agente causal* nesse tipo de evento?

No exemplo ilustrado a seguir, Keila fala sobre a autorização feita pelo superintendente do Centro Sócio-Educativo do Pomeri. Vejamos o que ela disse:

Exemplo 2:

Solange: tem que ter uma autorização?

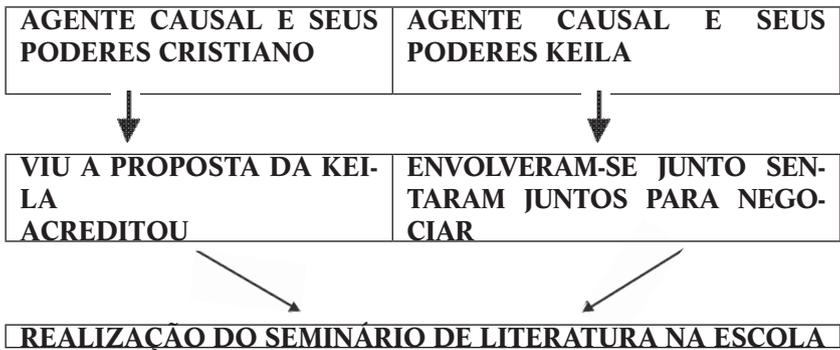
Keila: tem que ter autorização...né? (...) este ano o **Cristiano acreditou e resolveu apoiar...a educação..ele viu a proposta ...a proposta veio do Cristiano...nos envolvemos junto a ele...sentamos junto....e ele falou... se vocês acreditam eu vou apoiar...**

Keila ao falar sobre a autorização do seminário de literatura menciona o superintendente Cristiano<sup>5</sup>, um *agente causal*, com poder

5. Em 2006, o Superintendente Cristiano era o responsável pelos trabalhos desenvolvidos no Centro Sócio-Educativo. Não foi possível obter registros sobre relatos de suas histórias de vida devido a incompatibilidade de agenda. No ano de 2007 um outro superintendente assume a direção dos trabalhos e autoriza a realização do II Seminário de Literatura. Em setembro de 2008, a Profa. Keila e demais colegas da Escola organizam o III Seminário com os alunos, cujo tema intitula-se “18 Anos do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente”.

para (des) autorizar qualquer atividade pedagógica na escola. Ao dizer: ‘o Cristiano acreditou e resolveu apoiar’, Keila usa processo mental ‘acreditar’ para sinalizar uma atitude de decisão sobre a proposta de se realizar o seminário. Percebe-se, nesse exemplo, que a proposta de realização do seminário surge a partir de Keila. É ela a responsável pela tentativa de aprovação da proposta. Ao usar o processo mental ‘ver’, Keila revela que a proposição foi inicialmente ao Cristiano. Nesse caso, ela mesma, enquanto *agente causal*, revestida com o seu poder de educadora e comprometida com essa realidade social, tornou-se a responsável pela negociação da proposta junto ao superintendente. O processo material ‘apoiar’ é utilizado no discurso do superintendente para sinalizar a sua autorização para que o seminário de literatura pudesse ser realizado. Enquanto *agente causal*, com poderes que lhe são atribuídos pelo Centro Sócio-Educativo do Pomeri, caberia somente a ele dar a voz de comando para autorizar a realização do seminário.

Pode-se depreender desse exemplo, a seguinte explanação sobre os agentes e seus poderes causais.



Percebe-se, aqui, que os *agentes causais*, com seus *poderes* foram os responsáveis pela realização do seminário de literatura na escola. Enquanto superintendente, Cristiano (des) autoriza as atividades que são realizadas na escola, sejam elas educativas, culturais ou não. É ele o responsável pela manutenção da ordem em todo o Centro Sócio-Educativo do Pomeri. Já Keila, enquanto *agente*

*causal*, responsável pela educação dos alunos, detém um *poder* que lhe é peculiar. Como educadora e comprometida com a escola e com seus alunos, demonstrou ter atitude corajosa para negociar sua proposta inovadora e ao mesmo tempo desafiadora, tendo em vista que ela violara as regras impostas pelo Centro Sócio-Educativo do Pomeri.

É importante ressaltar que os relatos das histórias de vida de Keila corroboram para uma melhor compreensão das camadas mais profundas da realidade social vivida por ela. É nas camadas mais profundas que se encontram os determinantes causais, incluindo os agentes e seus poderes. Como nos assegura Bhaskar (1989), é preciso conhecer as causas dos fenômenos para transcender os fatos e as aparências dos eventos.

O esforço de Keila em prol da melhoria de vida desses jovens que vivem o dia-a-dia no Centro Sócio-Educativo do Pomeri parece estar intimamente ligado às suas experiências de vida. Keila também vivenciou o drama de sua madrasta ao ver seu irmão adotivo, no período de adolescência, se envolver com drogas. Assim como ele, no período de adolescência, muitos jovens que vivem hoje no Pomeri têm procurado o caminho das drogas para esquecer o seu passado triste e desalentador.

Presumo que a professora Keila é uma *agente causal* que busca mudança na sua prática pedagógica, com vistas à transformação social de todos os que estão envolvidos na realidade social do Centro Sócio-Educativo do Pomeri. Suas atitudes são de alguém que almeja mudanças não apenas de consciência, mas, sobretudo, mudanças nas práticas sociais de opressão e dominação.

## **Considerações finais**

Este estudo nucleou-se pelo desejo de realizar, à luz do RC e ADC, algumas reflexões interdisciplinares que pudessem contribuir para a ciência social emancipatória, mais especificamente, para o educador de línguas. Busquei compreender a relação causal existente entre os *agentes* e seus *poderes causais*, para uma melhor compreensão dos contextos micro e macrossociais.

Considere os relatos das histórias de vida como uma ferramenta de coleta de dados para a ADC. Os relatos das histórias de vida podem contribuir para ajudar a ADC na compreensão dos mecanismos sociais de dominação e resistência ou emancipação e transformação social. O uso dessa ferramenta permitiu, por exemplo, capturar outros significados que não estavam presentes no discurso de Keila, através dos relatos de suas histórias de vida. A sua luta em defesa de atividades pedagógicas que venham melhorar a qualidade de vida dessas jovens que vivem no Pomeri revela ser ela uma agente ativa no processo de emancipação. Ao privilegiar o desenvolvimento de práticas sociais libertadoras, Keila está também contribuindo para que a sua própria prática pedagógica seja de fato transformadora.

Finalizando, retorno à minha pergunta feita no início deste trabalho: por que o realismo crítico é tão sedutor e por que tem atraído tantos adeptos fervorosos? Diria talvez que, em virtude de estar havendo na ciência social crítica moderna, uma primazia pela ontologia, mais do que pela epistemologia, há de se colocar como ponto de partida a questão do ‘*ser*’: o que é o “*ser social*”? Precisamos conhecer mais esse “*ser*” em sua profundidade, compreender que vivemos em um mundo aberto e intransitivo, e que a finalidade das pesquisas é conhecer as estruturas, mecanismos, forças e poderes causais, que determinam os fenômenos sociais. E nós, educadores, pesquisadores, analistas de discursos, que almejamos alcançar uma ciência emancipatória e de transformação social, não podemos ficar indiferentes a essas questões.

Recebido em: junho de 2009

Aprovado em: novembro de 2009

solbip@yahoo.com.br

## Referências Bibliográficas

- BAERT, Patrick. O Realismo Crítico e as Ciências Sociais. Dados, vol. 38, n° 2, pp. 277 – 290, 1995.
- BHASKAR, R. A Realist Theory of Science. Leeds: Books, 2<sup>nd</sup> Brighton:Harvester, 1979

BHASKAR, R. Critical Realism. Essential Readings. In: Archer, M.; Bhaskar, R.; Collier, A.; Lawson, T. e Norrie, A. Centre For Critical Realism. London: Routledge, 1998.

BHASKAR, R. From Science to Emancipation. Alienation and the Actuality of Enlightenment. Sage Publications. New Delhi/London, 2002.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. Discourse in Late Modernity. Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh University Press, 1999.

CLANDININ, D.J. & CONNELLY, F.M. Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2004.

COLLIER, A. Critical Realism: An Introduction to Roy Bhaskar's Philosophy. London, Verso, 1994.

FAIRCLOUGH, N. Analysing Discourse. Routledge: Taylor & Francis Group. London and New York, 2003.

FAIRCLOUGH, N. Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language. London: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, N. Discourse and Social Change. Oxford: Polite Press, 1992

FAIRCLOUGH, N. Language and Power. London: Longman, 1989

FILIPPOO SELVAGGI, S.J. Filosofia do Mundo. Cosmologia Filosófica. Edições Loyola, São Paulo, 1988.

GOODSON, I & SIKE, P Life History Research in Education Settings. Open University Press: Buckingham, Philadelphia, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. An Introduction to Functional Grammar. London: Edward Arnold, 1994.

PAPA, S. M.de B. I. Prática Pedagógica Emancipatória: O Professor Reflexivo em Processo de Mudança. Um Exercício em Análise Crítica do Discurso. Pedro & João Editores, São Carlos, 2008

PAPA, S.M.B.I. Realismo Crítico e a Formação Emancipatória do Educador de Línguas. Trabalho apresentado em Conferência. UnB, NELiS , Junho de 2008.

PAPA, S. M.de B. I. O Professor Reflexivo em Processo de Mudança na Sala de Aula de Língua Estrangeira: Caminhos para a (auto) Emancipação e Transformação Social. Tese de Doutorado, LAEL – PUC/SP, 2005.